

2. Hassan al Banna, um pensador de seu tempo

Nesse capítulo buscaremos tratar da formação e trajetória intelectual de Hassan al Banna, especialmente os seus anos na liderança dos Irmãos Muçulmanos (*al Ikhwan al Muslimin* – الأخوان المسلمین). Também abordaremos as influências intelectuais sofridas por ele, o corpo e funcionamento dos Irmãos e o contexto político e social em que essa organização surgiu.

2.1 Hassan al Banna: formação e trajetória intelectual

O desenvolvimento do pensamento reformador contemporâneo desde 1870 até 1930 pode ser percebido como um duplo movimento, a desagregação do Império Otomano e o reforço da presença europeia colonial no mundo muçulmano. Isto irá se concretizar com o desaparecimento ou fim da política de Califado (الخلافة).

A Primeira Guerra Mundial possibilita as potências europeias ocidentais, particularmente, Inglaterra e França, manifestar e demonstrar sua supremacia principalmente militar em relação ao mundo muçulmano. Reforçando assim, o processo de colonização, em que a maioria dos países muçulmanos, vistos como áreas de influência, encontravam-se governados e inferiorizados economicamente, politicamente e culturalmente a elas.

Nesse âmbito, em 1928 surge a organização de cunho social denominado os Irmãos Muçulmanos no interior do mundo muçulmano. Essa associação ao lado de seu fundador, Hassan al Banna, buscou o reislamizar as sociedades muçulmanas muçulmanos e a reviver o orgulho da identidade muçulmana outra perdida, a partir do retorno as fontes de uma mensagem alcorânica e a tradição profética, considerando o contexto histórico vivido.

É importante observarmos desde já, que Hassan al Banna foi um analista e intérprete dos eventos e crises sociais, políticas e culturais surgidos no interior do universo islâmico e também fora dele, como a Segunda Guerra Mundial; os

movimentos fascistas e entre outros. E como seus antecessores⁹, se opôs a repartição do mundo muçulmano e a presença colonial europeia. Também lutou pela autonomia dos países muçulmanos que se encontravam na situação de subjulgados; e pelo engajamento permanente pela defesa do território palestino em relação ao sionismo israelense, principalmente a partir do ano de 1935.

O criador dos Irmãos Muçulmanos, filho de relojoeiro, nasceu na pequena cidade egípcia de Mahmudiya em 1906. Este teve uma educação baseada em princípios islâmicos, focando seus estudos no *al Tauhid* (التوحيد)¹⁰ – crença na Unicidade de Deus; na *chariah* (الشريعة) – jurisprudência islâmica ou o Direito do muçulmano; literatura árabe; e ideologia moderna islâmica.

No período da infância, Hassan al Banna desde de sempre recebeu o incentivo de seu pai e de seus professores em direção à leitura e o desejo de buscar o conhecimento, principalmente de seu professor cego Sheikh Zaharan, o qual por sua cegueira levava o pequeno al Banna a biblioteca da cidade, fazendo-o ler os livros para ele. É nessas sessões de leitura que o líder do *al Ikhwan al Muslimin* (الأخوان المسلمين) adquire o sentimento de amor pela busca do conhecimento e também a compreensão da importância do respeito e carinho por parte do aluno em relação ao seu mestre.

Entre os anos de 1920 à 1923, o jovem Hassan al Banna opta por direcionar seus estudos a formação de professores, em vez do ciclo de negócios de estudos preparatórios da Universidade de *al Azhar*¹¹. Também nessa época ele foi

⁹ Rede de reformadores islâmicos, os quais lutaram pelo redespertar islâmico no interior das comunidades muçulmanas, como al Afghani; Muhammad Abduh; Rashid Ridda; Muhammad Iqbal e entre outros.

¹⁰ *Al tauhid* é crença na Unicidade de Deus, um dos pilares que compõem a fé islâmica. É a coluna mestra da mesma e se divide em três partes: a Unicidade do Criador que significa acreditar que Deus criou, mantém e é Senhor de tudo e de todos; a Unicidade da Divindade, que expressa que Deus é o Único a quem os ser humano deve adorar e a quem se deve dirigir suas súplicas, sem que haja intermediários entre os homens e Ele; e a Unicidade dos Nomes e Atributos de Deus, que diz que a Deus pertencem todos os Nomes e Atributos da perfeição.

¹¹ Universidade – mesquita fundada em 971 d.c Possui esse nome em homenagem a *Fatimah Azahraa*, filha do profeta Muhammad. Trata-se de uma Instituição egípcia de ensino superior reconhecida internacionalmente, a mais prestigiada entre os muçulmanos sunitas, sendo referência no ensino de jurisprudência islâmica e língua árabe. É importante destacar que no período do colonialismo inglês no Egito, essa universidade sentiu-se ameaçada pela grande influência cultural do Ocidente no mundo muçulmano, limitou o seu ensino as ciências religiosas e proibiu o ensino das ciências ditas profanas. Pois se estava perdendo obras de grandes intelectuais muçulmanos, havendo a necessidade de preservação das mesmas, a partir da compilação destas em grande escala e a proibição de leitura dos livros não islâmicos. Apenas voltando o ensino das

muezim, aquele que faz o chamamento da oração, na mesquita da escola de Damahur, uma função que cumpriu com muito zelo, ao ponto de conduzir um protesto contra o horário de aula que não considerou as horas da oração.

No tempo dos estudos universitários no Cairo de 1923 à 1927, Hassan al Banna escolheu estudar na faculdade denominada *Dar al Ullum* - A casa da Ciência fundada por Ali Pacha Mubarak em 1872- esta é um instituto de programa diversificado com ênfase no estudo de língua árabe e no ensino moderno, em oposição ao tradicional e quase exclusivamente ensino religioso da Universidade de *al Azhar*.

Na casa da Ciência, o jovem al Banna teve contato com grandes clássicos da literatura islâmica, tendo uma inclinação para o trabalho do intelectual islâmico Abu Hamid al Ghazali¹², o qual será uns dos grandes influenciadores no pensamento do fundador da Irmandade Muçulmana, especialmente na ideia que apenas se deveria partir para ação propriamente dita, após ter o conhecimento religioso e o conhecimento profano (obtenção do sustento) estabelecidos ou garantidos. Pois de acordo com al Ghazali as duas formas de conhecimento são de igual importância na vida do homem, estabelecendo assim, o equilíbrio entre o religioso e o mundano.

É importante ressaltarmos que nesse período Hassan al Banna recebeu um convite de bolsa de estudos por parte do ministério da educação egípcio para continuar seus estudos na Europa, a qual recusou. Preferindo se formar em sua terra natal, Egito.

Depois de obter seu diploma na *Dar al Ullum*, al Banna foi enviado em 1927 para a cidade de Ismaailiyya como professor de escola primária. Nessa cidade, ele percebeu a intensidade da presença estrangeira, pois em efeito, Ismaailiyya é onde se encontra a agência mundial para o Canal de Suez e os acampamentos do exército colonial inglês. A influência dos modos europeus é

ciências profanas em *al Azhar* com Muhammad Abduh, um dos intelectuais muçulmanos que influenciará o pensamento do líder da Irmandade Muçulmana.

¹² Abu Hamid al Ghazali, grande pensador e filósofo islâmico do século XII. Formado na escola shafa'aita, uma das quatro principais escolas de jurisprudência islâmica (malikita, hambalita, hanafita e shafa'aita) e também trouxe a ideia do homem buscar o equilíbrio entre as ciências religiosas e profanas. grande influenciador dos pensamentos de Hassan al Banna, personagem aqui estudado.

particularmente visível e uma grande parte da população vivia sob o encanto e a sedução da dita cultura moderna do Ocidente. E isto causou um estranhamento no líder dos Irmãos Muçulmanos, pois como o povo egípcio poderia estar encantado com a cultura daquele que o domina e o explora?

Por outro lado, Hassan al Banna aprende a conhecer sua nova cidade e visitar mesquitas, onde se torna consciente da ignorância do povo, sobretudo das divisões e disputas entre as interpretações religiosas entre as escolas islâmicas, que atormentavam e separavam os muçulmanos de Ismaailiyya. Apesar de toda a energia gasta pelos líderes religiosos locais nas mesquitas, nada acontecia, a negligência, a ignorância e os conflitos persistiam.

Logo, como o intuito de se afastar da influência exacerbada da política e cultural europeia; e dos conflitos oriundos da ignorância e divergências de interpretações religiosas, decide realizar pequenos sermões – como havia feito na sua época universitária no Cairo – em lugares populares, tais como cafés, em que a população egípcia frequentava com uma constante frequência nesse período, talvez mais que as mesquitas.

Os temas abordados eram sobre a interpelação dos corações reconfortantes sem culpa; o chamamento para responsabilidade; o retorno da prática dos valores políticos, sociais, morais e culturais islâmicos e entre outros. Os sermões também eram expostos de modo simples, com formulação acessível aos ouvintes e levava não mais que quinze minutos. O método dará frutos e mais e mais indivíduos irão aos cafés para escutar o jovem professor e reformador islâmico.

Nesse conjuntura, nos seus 22 anos de idade, o intelectual al Banna funda *al Ikhwan al Muslimin* (الأخوان المسلمين) o movimento denominado em 1928, o qual era composto por trabalhadores, estudantes, pequenos comerciantes e de indivíduos das mais diversas religiões (muçulmanos, judeus, católicos, copotas, etc). Estes juntamente com seu líder eram capazes de diagnosticar um enfraquecimento de sua sociedade asfixiada pela dependência e influência cultural em relação ao Ocidente; e também pela estagnação da busca de conhecimento por parte dos muçulmanos.

E assim, de transformar um sentimento anticolonial em uma ideia de restauração da comunidade muçulmana, a partir de um resgate dos valores islâmicos. Isto representava elaborar caminhos alternativos para organização e modernização da sociedade egípcia, aos quais deveriam ser conduzidas pelo Islam, revitalizando socialmente e politicamente o Egito e o mundo muçulmano.

2.2 Hassan al Banna e a experiência nos Irmãos Muçulmanos

Hassan al Banna narrou, em suas *Memórias*, que um grupo de seis companheiros, sensibilizados e também estimulados por seus discursos e ensinamentos em relação ao despertar dos corações egípcios (estes ignorantes de sua religião), a partir do entendimento e retorno da prática dos princípios islâmicos, vieram até ele em março de 1928 com o intuito de chamá-lo a participar de um projeto:

“Nós compreendemos, nós tomamos consciência e fomos tocados, mas nós não sabemos qual é o caminho certo que nos levará em direção ao esplendor do Islam e ao bem para os muçulmanos. Nós estamos desgostosos por esta vida: uma vida de humilhação e de servidão. Quanto à ti, tu vês que os árabes e os muçulmanos deste país não possuem nenhuma parcela de dignidade e de respeitabilidade e que eles não chegam a atingir o nível das oportunidades quem chegam os estrangeiros. Nós não possuímos nada além desse sangue escaldado pelo orgulho que corre em nossas veias; nossas almas, iluminadas pela fé e o pelo respeito que acompanham nosso ser e, por fim, alguns trocados para a alimentação de nossas crianças. Nós não temos os meios para compreender qual é a via para a ação, enquanto tu tens essa capacidade; nós não temos também, diferentemente de ti, as possibilidades de determinar qual é o modo de servir à pátria, à religião e à nação muçulmana. Tudo o que nós queremos, de agora em diante, é apresentar-te a totalidade do que possuímos afim de que nós possamos cumprir esta responsabilidade perante Deus e que te incumbe, diante Dele, de assumir a responsabilidade por nossas vidas e do que devemos fazer. Nós queremos ser um grupo que estabelece um pacto sincero com Deus para viver por Sua religião e para morrer por Sua visão; esse grupo não deseja nada além do que Sua satisfação, ele está pronto para vencer, quer seu número de adeptos seja importante ou diminua”¹³.

¹³ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. *Aux sources Du renouveau musulman: D'al – Afghânî à Hassan al – Bannâ un siècle de réformisme islamique*. Lyon: Éditions Tawhid, 2002, p 196.

Após isto, uma discussão se seguiu e al Banna aceitou a proposta desses companheiros. Juntos fizeram um acordo de estar completamente comprometidos com um projeto religioso de devoção e pregação. E quando um dos companheiros perguntou como se chamariam para serem oficialmente reconhecidos como um sindicato ou clube [...], o intelectual islâmico respondeu que deixassem as aparências e formalidades; que se unissem pelas ideias, pela moral e ação; que se estariam a serviço do Islam e que por isto se denominariam *al Ikhwan al Muslimin* (الأخوان المسلمين).

O grupo, organizado em torno do líder dos Irmãos, escolheu um local para seus encontros e reuniões, o qual se chamaria Escola de Formação. Os seus membros começariam a agir frutiferamente na cidade de Ismailiyya, onde os progressos apareceriam rapidamente. Eles construíram uma mesquita¹⁴ e embaixo dela fundariam uma escola: o Instituto Islâmico de Hira, que oferecia três tipos de curso: o religioso, no modelo das escolas de *al Azhar*; o técnico, com o ensino de um ofício agrícola ou de artesanato e o primário, no qual o programa permitia passar em seguida para as escolas do governo. As taxas de escolaridade, segundo Tariq Ramadan, eram fixadas de acordo com os ganhos dos pais e que al Banna recomendava insistentemente aos diretores, que eles "*pussem em prática uma filosofia de ensino e uma pedagogia baseadas no diálogo, na proximidade, na atenção e na afetividade*"¹⁵.

Seus anos de estudo em na Casa da Ciência, como o intelectual islâmico, relatava al Banna que lhe permitiram conhecer as reflexões mais recentes à respeito da instrução e pedagogia, nas quais se inspirou para a gestão desse instituto¹⁶: muitos cursos eram ministrados ao ar livre; a aritmética se aprendia no meio dos elementos naturais, os alunos tinham grande liberdade para intervir e questionar os professores, etc. Essa escola, criada em 1928 - 1929, colocou em

¹⁴ É importante dizermos que a construção dessa mesquita marcou o início de boatos perturbadores dirigidos à Hassan al Banna e aos Irmãos Muçulmanos. A agência do Canal de Suez doou 500 libras egípcias à al Banna no momento do término das obras; ele foi repreendido por construir uma mesquita com o dinheiro dos estrangeiros. Al Banna respondeu que o canal, o mar e a terra pertenciam aos egípcios e que foi os estrangeiros que os espoliaram. Como seus antecessores reformadores, al Banna será exposto, por toda sua vida, a esse tipo de comentários e críticas.

¹⁵ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. *Aux sources Du renouveau musulman: D'al – Afghânî à Hassan al – Bannâ un siècle de réformisme islamique*. Op. cit, p 197.

¹⁶ A criação das escolas permanecerá, à imagem das ideias de Muhammad Abduh sobre educação, uma das maiores preocupações e conquistas de al Banna.

evidência a já prioritária preocupação de al Banna em relação ao que é ser um educador, um formador de indivíduos sadios intelectualmente e emocionalmente.

O trabalho de pregação continuou em Ismailiyya e se estabeleceu nas mesquitas, nos clubes, junto aos notáveis e aos jovens. Hassan al Banna visitou o vilarejo de Abu Suwir, vizinho de Ismailiyya e iniciou o mesmo trabalho. De acordo com Tariq Ramadan, aos muçulmanos da pequena cidade al Banna explicou que a humilhação da sociedade egípcia advinha do esquecimento de suas referências islâmicas e que eles precisavam agir publicamente, já que:

“[...] a visão individual não basta, é necessário formar uma opinião pública que sustente a vitória desta ideia; é preciso constituir, em cada aldeia, uma associação de pessoas do bem que acreditem nessa missão, que se unam em torno dela e que se chamarão os Irmãos Muçulmanos”¹⁷.

A ideia de fundamentar sua ação na divulgação e de fazer nascer uma opinião pública apareceram desde cedo e al Banna começou a se deslocar por inúmeros vilarejos para encontrar os responsáveis pelas mesquitas, ministrar cursos e conhecer as necessidades dos aldeões. A partir de 1929, ele escreveu pequenos textos endereçados ao público e que são bastante difundidos. Esse trabalho contínuo trouxe seus frutos e em 1929-1930 quatro seções já estão funcionando. Em 1931 elas serão em número de dez e depois quinze em 1932, sendo uma situada no Cairo.

Em 1933, os Irmãos Muçulmanos construíram uma escola destinada às mulheres: a Escola das Mães dos Fiéis tendo como base o nome dado às esposas do Profeta¹⁸. O ensino dado, como no Instituto Islâmico de Hira, levava em conta as recentes descobertas da pedagogia e oferecia às meninas, após a educação de

¹⁷ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op. cit, p 198.

¹⁸ Hassan al Banna, aqui, procurou empregar nessas instituições nomes simbólicos da história e referências do Islam, em oposição à invasão de nomes e hábitos oriundos do estrangeiro.

base, o aprendizado de disciplinas das ciências humanas e exatas ao mesmo tempo que os módulos de economia familiar¹⁹.

As matérias religiosas eram também ensinadas, em que os professores de Ismailiyya ministravam os cursos. O sucesso dessa escola será tão importante ao ponto de o governo egípcio intervir e fazer dela uma instituição oficial. Da criação dessa escola para as meninas surgiria a ideia de criar uma seção de irmãs muçulmanas com sua próprias regras internas. As primeiras mulheres membros seriam as professoras da escola encarregadas da formação de mulheres nos modelos das seções masculinas.

Durante esse mesmo ano foi criada a seção das caminhadas, essencialmente dirigida para a educação física. A seção organizava acampamentos e saídas de Ismailiyya, nos padrões das atividades dos escoteiros. Foi decidido que, dali em diante, cada uma das seções ativas no território egípcio deveria ter um departamento de caminhadas, com o intuito de preparar fisicamente cada membro dos Irmãos. No pensamento de Hassan al Banna, se tratava igualmente de preparar os homens de estarem aptos ao combate, se chegasse o momento em fosse necessário travar uma luta contra a presença colonial inglesa, como ocorreu com a resistência de Abd al Qader contra os franceses, na Argélia, ou a de Umar Mukhtar contra os italianos, na Líbia.

Dos primeiros anos da criação dos Irmãos Muçulmanos, podemos perceber na ação um princípio geral, assim como duas orientações, uma interna e a outra externa, que constituíram o substancial da filosofia social dessa organização. De acordo com Tariq Ramadan:

"[...] o princípio consistia em se apoiar nas forças populares e nela desenhar a dinâmica da ação e mobilização; quanto às duas orientações, elas eram particularmente explícitas: o trabalho educativo, no plano interno, era o fundamento da reforma prevista por al Banna, tanto para os homens quanto para as mulheres; a preparação de uma frente de recusa e de resistência à ocupação colonial inglesa necessitava, nesse campo,

¹⁹ É possível, desde já, ressaltarmos a importância que Hassan al Banna dava ao papel da mulher como gestora familiar, especialmente, como educadora dos jovens da nação muçulmana. Isto será aprofundado no item: um método educativo islâmico do capítulo 2 dessa dissertação de mestrado.

com relação ao estrangeiro, de uma tomada de consciência das responsabilidades de cada um, passando pela disciplina física"²⁰.

Podemos perceber aqui, que al Banna realizou o desejo de Rashid Ridda²¹, que esperava ver nascer um movimento reformador ligado aos valores islâmicos: dez anos mais tarde, aquele que fora seu aluno funda um movimento baseado nos mesmos objetivos.

Em outubro de 1932, Hassan al Banna, já diretor dos Irmãos Muçulmanos, foi transferido para o Cairo. O Escritório Geral dos Irmãos à princípio instalado em Ismailiyya, também foi transferido para a capital. Podemos dizer que é o início de uma nova etapa para a associação.

No Cairo (1932-1939), al Banna não parava de viajar, sempre dedicado ao seu papel de professor-educador. Ele ia de cidade em cidade, aldeia em aldeia, aproveitando todos os feriados para ir ao encontro e ensinar aos egípcios. A organização dos Irmãos Muçulmanos começava a se tornar conhecida em todos os meios e em todas as classes sociais.

Em 1934, pouco mais de um ano após sua chegada ao Cairo, Hassan al Banna escreveu um artigo no qual afirmava que o pensamento dos Irmãos estava difundido em pelo menos cinquenta cidades do território egípcio e, em cada uma delas, havia empreendido ações benéficas: construções de mesquitas, de escolas, criação de empresas de artesanato e de técnicas de produção. Cada seção, de acordo com as necessidades de cada região, tem por objetivo dar continuidade a

²⁰ RAMADAN, Tariq. *Aux sources Du renouveau musulman: D'al – Afghânî à Hassan al – Bannâ un siècle de réformisme islamique*. Op. cit, p 199.

²¹ Rashid Ridda (1865 – 1935) foi um dos intelectuais que influenciou os pensamentos de Hassan al Banna. Também foi contemporâneo de Muhammad Abduh e seu porta voz. Nascido na Síria, desempenhou um importante papel na política islâmica, sobretudo nas lutas políticas sírias depois da Revolução os Jovens Turcos em 1908.

Com o auxílio dos Jovens Turcos (grupo iniciado em 1889 por estudantes da Academia Imperial de Medicina de Istambul contra o regime do Sultão Abdulhamid que se alastrou por outras universidades) criou um seminário para divulgadores muçulmanos e diretores espirituais em Constantinopla, contudo este não teve sucesso. Em 1912, reiniciou o seminário no Cairo, o qual manteve suas atividades até o começo da Primeira Guerra Mundial.

Ridda creia na união do Islam e o compreendia como uma religião de soberania e política de governo, assim como al Banna posteriormente. Em relação ao plano de governo, defendia a elaboração de um sistema de leis em que os indivíduos pudessem realmente obedecer no mundo moderno e tendo seus direitos com ser humanos preservados (uma doutrina que combinasse rigidez de princípios com flexibilidade de aplicação).

esse tipo de realização, mostrando desde o início a vocação educativa, social e global dos Irmãos Muçulmanos²².

Nesse sentido, é plausível falarmos que ação de al Banna pode ser considerada como um “movimento social e global”:

“Seus múltiplos e contínuos deslocamentos entre todas as regiões do país, nos departamentos, nos centros e nas cidades lhe ofereceram a possibilidade de ter um conhecimento imediato e concreto da situação e das particularidades de cada classe social; de sorte que podemos facilmente dizer que sua associação era, em sua essência, um movimento social global”²³.

Podemos acrescentar a essa leitura as atividades realizadas durante o primeiro período de ação dos Irmãos: apresentação de conferências nas mesquitas e nos centros, a difusão da *Carta do guia*²⁴, a difusão da revista semanal em nome da organização²⁵, o estabelecimento de seções nas diferentes cidades que ainda não tinham nenhuma atividade até então, a constituição de um organismo similar àqueles dos escoteiros em todo o território egípcio, a multiplicação das ações em faculdades e a fundação de uma seção para os estudantes tendo como apoio os professores de universidade *al Azhar*, a composição de congressos, de conferências e de cursos no Cairo e nas cidades.

É relevante sublinharmos que esse projeto social e educacional de Hassan al Banna teve influências das ideias dos primeiros reformadores (como al Afghani²⁶ e Muhammad Abduh²⁷ citados por al Banna em seus discursos e

²² RAMADAN, Tariq. Op. cit, p 200.

²³ RAMADAN, Tariq. Op. cit, p 201.

²⁴ A partir de 1934, essa carta fez parte das epístolas (artigos escritos por al Banna) que serão bastante difundidas.

²⁵ Conhecida pelo nome de *Jaridt al Ikhwan al Muslimin*, surgiu em maio 1933 e durante quatro anos é editada na gráfica do Escritório da salafiyya.

²⁶ Jamal al Din al Afghani (1839 – 1897), um dos intelectuais que influenciou as ideias de Hassan al Banna. Al Afghani se considerava afegão de educação sunita e desde muito jovem viveu na Índia, onde teve uma educação europeia. No ano de 1871 começou a morar no Egito e aí se tornou professor não oficial de um grupo de jovens, principalmente da Universidade de *al Azhar*, em que ensinava teologia, filosofia e jurisprudência. Também defendia a elaboração de uma Constituição que limitasse o poder do governante; e se posicionava contra a dominação europeia no mundo muçulmano, ressaltando os perigos da intervenção europeia e a necessidade de uma atuação nacional para resistir a essa ameaça, pois para ele, os povos islâmicos deveriam ser profundamente unidos. Incentiva seus estudantes a ler e escrever em jornais para divulgação de seus pensamentos.

escritos). No entanto, nada ainda, havia sido feito em matéria de uma reforma estrutural vinda de uma ação concreta por parte dos pensadores muçulmanos.

“É preciso que a fundação do renascer islâmico seja a educação. Assim, pois, a nação inicialmente se educa e compreende perfeitamente seus direitos; além disso, ela toma consciência dos meios pelos quais conseguirá atingir seus direitos. Ela é educada na fé em seus meios e esta fé se enraíza em seu ser com força ou, dizendo em outro termos, é preciso que ela apreenda as modalidades de seu renascimento nos planos do pensamento, da ação e da espiritualidade [...]. Para tudo isso é necessário um tempo particularmente longo, já que é um programa de educação destinado à uma nação; é, portanto, necessário que a citada nação se arme de paciência, de doçura, que se prepare para uma luta de longo fôlego. Qualquer nação que tenta infringir as regras desta natureza só pode colher o fracasso”²⁸.

Podemos ver aqui os ecos do pensamento de Muhammad Abduh, que já se opunha à precipitação “política” ou “politizada” de al Afghani. Al Banna escolheu

A maior parte da vida de al Afghani foi dedicada à defesa dos países islâmicos ameaçados pelas potências europeias. Entretanto, seu principal objetivo era persuadir os muçulmanos a buscarem entender corretamente o Islam e viver o seu dia à dia conforme os ensinamentos do Alcorão e dos hadiths, assim como al Banna posteriormente.

E também al Afghani dizia que os países muçulmanos eram fracos porque a comunidade islâmica encontrava-se em decadência e os muçulmanos desunidos, ignorantes e debilitados em assuntos públicos. E defendia assim, que o mundo muçulmano deveria aprender com a Europa, mas sem imitá-la. Ou seja, aprender sobre suas tecnologias, pois o desenvolvimento científico faz parte do Islam, entretanto adaptando-as aos valores e necessidades das comunidades muçulmanas.

²⁷ Muhammad Abduh (1848 – 1905) foi um dos intelectuais que influenciou os pensamentos de Hassan al Banna. Abduh quando jovem foi influenciado pelas ideias de al Afghani. Nasceu no Egito, estudou na Universidade de *al Azhar* de 1869 à 1877 e também foi uma das principais lideranças na defesa da independência de seu país em relação a política colonialista inglesa.

Com a iminência do ataque inglês Abduh aproximou-se dos militares em torno de uma resistência nacional, porém após a dominação britânica em 1882 foi preso e condenado ao exílio. Nessa época, reuniu-se com al Afghani em Paris para organizar o jornal *al ‘Urwa al wutqa*, que tinha o intuito de propagar a necessidade da união dos muçulmanos. Abduh e al Afghani fundaram em 1884 em Paris uma sociedade islâmica secreta que por finalidade trabalhar pela reforma e unidade do Islam.

Muhammad Abduh enfatizava, assim como al Afghani e posteriormente al Banna, a ideia de um declínio interno e peculiar das comunidades muçulmanas. Falava que o grande perigo era a secularização da sociedade, que essencialmente não poderia ser secularizada. É importante ressaltarmos que Abduh admirava o progresso europeu e em seus arquivos localizavam-se escritos de Rousseau, Spencer, Tolstoi e Renan, no entanto frisava que o pensamento europeu expressado através dos intelectuais ou das novas tecnologias não deveria ser transposto para o Egito, sem antes conservar a moralidade política e social do país.

Ele também percebeu o Islam como uma ferramenta de propagação de uma moralidade fundamentada na primeira geração de muçulmanos – geração do profeta Muhammad – em que ao seu ver representava a tradição sunita (baseada na *sunnah*, ou seja, os ditos, os atos e comportamentos do profeta Muhammad, em que na perspectiva dos muçulmanos, são um complemento para a compreensão do texto alcorânico) implantada no período do desenvolvimento da religião. Porque o Islam servia como princípio de transformação a partir da conciliação com a vida moderna, porém também como “controle” desse processo.

²⁸ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op. cit, p 202.

igualmente a voz da educação e da reforma a longo prazo²⁹. Pelo qual seria criticado por alguns que deixariam a associação dos Irmãos Muçulmanos e também o repreenderiam por não conduzir as coisas suficientemente rápido, porém al Banna não pararia de repetir que era preciso ser paciente e que esse era o único caminho que levaria ao sucesso. Recordando, ainda, aos Irmãos apressados que era preciso ter paciência, pois o trabalho deve ser feito respeitando os ritmos do tempo.

Durante esse período (1932-1935), o líder dos Irmãos levava uma vida essencialmente constituída por viagens, por encontros, por lições e pela pregação geral e aberta. Sua personalidade, seus discursos, seu carisma e sua sabedoria encontraram uma importante adesão naqueles que o escutavam. E ainda, segundo Yussef Qaradawi³⁰, al Banna era dotado de uma impressionante memória, capaz de diversificar os níveis de linguagem para se dirigir tão bem aos aldeões quanto aos universitários e aos líderes ou responsáveis das cidades (sua experiência de campo lhe fez conhecer as especificidades na compreensão dos problemas); ele era ao mesmo tempo simples, acessível, afetuoso e intelectualmente rigoroso e exigente.

Suas qualidades tiveram um grande papel na difusão de seus pensamentos. Al Banna clamava aos seus ouvintes a retornar aos ensinamentos do Islam, a retomar a confiança em si mesmos e a se organizar. Ao mesmo tempo, ele começou a dirigir uma mensagem de responsabilidade e mobilização contra a ocupação inglesa. Nesse âmbito, os anos entre 1936 e 1939 marcaram uma reviravolta na ação de al Banna que, mais claramente, entra dali em diante no campo da reivindicação política.

No decorrer do ano de 1936, Hassan al Banna escreveu inúmeros escritos (as epístolas), além de ministrar as "lições de terça", que terão um grande sucesso

²⁹ A proposta de reforma e educação feita por al Banna será aprofundado no item: Educação e reforma no pensamento de Hassan al Banna do capítulo 2 dessa dissertação de mestrado.

³⁰ Yussef Qaradawi (1926), muçulmano sunita de origem egípcia. Foi durante muito tempo integrante dos Irmãos Muçulmanos e recusou diversos convites para liderar essa organização islâmica. Hoje em dia, é presidente da União Mundial de Sábios Islâmicos e dirige o Conselho Europeu direcionado a responder dúvidas dos muçulmanos, baseando-se nas interpretações do Alcorão. Além disso, publicou cerca de 50 livros como o *Lícito e ilícito*.

popular. No artigo denominado *Nossa mensagem*³¹, resumiu os princípios e as orientações da associação dos Irmãos Muçulmanos, insistindo no caráter globalizante do Islam, o qual, aos olhos de al Banna conteria as ligações de natureza nacional, patriótica e árabe. Além disso, Hassan al Banna abordou os problemas da presença estrangeira, do multipartidarismo esclerosado, da desestruturação da legislação egípcia, da crescente perda de direitos dos cidadãos, do desastre do sistema de ensino, da imitação dos modos ocidentais. Frente a esse diagnóstico, al Banna expressou a ideia de retorno a um Islam referencial bem compreendido, que daria, em sua opinião, os meios de resolver os problemas do país (e também do mundo muçulmano).

Em outro escrito, *A quem os homens chamam?*³², al Banna retomou as mesmas problemáticas, mas introduzia de modo mais assertivo a questão da relação do Islam com a política e, subsequentemente, com o socialismo, o capitalismo e as ideologias bolchevique e nacionalista. Essas observações anunciam as questões discutidas pelo líder dos Irmãos em outro artigo intitulado *Em direção à luz*³³, endereçado ao rei Faruq, ao primeiro ministro Mustafa Nahhas Pacha e também às outras autoridades dos países árabes e muçulmanos, assim como ao conjunto de atores políticos da sociedade egípcia.

Nele, al Banna afirmava que os países islâmicos se encontravam numa encruzilhada: ou escolhiam seguir servilmente ao Ocidente, em sua cultura e modos, ou retornariam aos valores islâmicos. Frente a esse dilema, Hassan al Banna escolhia a referência islâmica e a necessária reforma interior. Fundamentando seu discurso na religião, ele desenvolveu, pouco a pouco, uma reflexão crítica sobre o Estado no Ocidente e suas modalidades que permitiram ao mundo muçulmano mudar o curso da história. Um pouco como al Afghani, ele pediu aos governantes que assumissem suas responsabilidades, retornando aos ensinamentos islâmicos e criando uma frente unida sob essa bandeira. No fim de sua observação, ele apresentou algumas etapas da reforma concreta e o novo tipo de engajamento dos Irmãos Muçulmanos no cenário político egípcio.

³¹ Esse escrito encontra-se na coletânea de artigos conhecida como *Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna de 1906 - 1949*.

³² Idem.

³³ Idem.

É também durante o mesmo ano de 1936 que os ingleses assinariam, junto ao governo egípcio, o tratado anglo-egípcio, que deveria diminuir as pretensões coloniais dos primeiros, mas que, na realidade, lhes permitiriam manter substancialmente seu poder. Como disse Nadia Tomiche³⁴:

“O tratado de 1936 permitiu à Inglaterra, sobretudo, a combater a campanha anti-britânica conduzida eficazmente; a Itália de Mussolini que acabara de anexar a Abissínia com seu exército. Na realidade, as concessões feitas por Londres foram limitadas: as tropas britânicas seriam mantidas no Egito, ainda que restritas apenas à zona do canal de Suez, com a liberdade para ocupar todo território em caso de perigo internacional ou de guerra [...]”³⁵.

Hassan al Banna assim compreendeu e se opôs fortemente às conclusões desse acordo, repreendendo Nahhas Pacha e seu partido *al Wafd*³⁶, que se apresentava como o campeão do nacionalismo, de terem compactuado com os ocupantes e de ter a eles concedido as garantias e os meios de manter sua presença no Egito. Os Irmãos Muçulmanos, assim como numerosas outras associações islâmicas desejosas por verem o país liberto, mobilizaram-se e se organizaram movimentos populares de resistência. Aos poucos, sob a supervisão dos Irmãos, se delineia pelo Egito uma larga frente de recusa a qualquer forma de colonização ou subjugação. A administração governamental logo compreendeu a ameaça que al Banna e seu movimento representava.

A atuação política dos Irmãos Muçulmanos não se limitava ao Egito, estes haviam estabelecido, já há um ano (desde 1935), relações com a Palestina, em particular, com o mufti al Haj Amin al Husayni (Hassan al Banna lhe escrevera

³⁴ Nadia Tomiche, escritora dos anos 1960, escreveu principalmente sobre a situação da mulher no Egito na primeira metade do século XIX.

³⁵ TOMICHE, Nadia. *O Egito colonial*, IN Encyclopaedia Universalis. Paris, 1984, vol. VI, p 770.

³⁶ *Al Wafd*, palavra que se refere à delegação e tratava originalmente de uma organização política liderada por Sa’ad Zaghlul (1859-1927), conhecedor de leis islâmicas. Em primeiro momento acreditava que o Egito deveria tirar proveito da presença inglesa em seu território. Zaghlul mudou de posicionamento após a recusa do governo inglês à proposta do governo egípcio de apresentar a defesa da independência do Egito na Conferência de Versalhes, em 1918. E em 1919 o partido *Wafd* foi estabelecido com a proposta de autonomia interna, um governo constitucional, os direitos civis, o controle completo do Egito sobre o Sudão e o Canal de Suez. No decorrer de sua trajetória, o partido se desviou de seu objetivo original e assumiu um posicionamento de moderação em relação a monarquia e a influência inglesa. O *Wafd* foi dissolvido em 1952 com golpe ou revolução dos Oficiais Livres.

pela primeira vez em agosto de 1935 assegurando seu respeito e seu apoio). De acordo com Tariq Ramadan, há anos eram conhecidas as estratégias de grupos sionistas, que compravam terrenos para se instalarem, tendo o apoio dos ingleses reconhecida pela declaração de Balfour (1917).

Diversas manifestações ocorreram nos anos de 1919 e 1920 contra a presença judaica na Palestina, onde a resistência se fez cada vez mais importante até chegar a insurreição armada (a partir de 1935) e, sobretudo, com a greve geral decretada em 1936 (que durará seis meses). Conduzida essencialmente por camponeses palestinos expropriados, a greve foi o estopim para o início de uma guerra civil opondo os palestinos aos ocupantes ingleses, frequentemente aliados com os novos habitantes judeus.

A repressão inglesa foi terrível, mas não atingiu seus objetivos. O governo britânico pediu aos dirigentes árabes que intervenham e ponham fim à insurreição. No Egito, os Irmãos Muçulmanos lideraram um movimento de mobilização e de apoio aos grevistas e insurrectos. Os Irmãos criaram, nessa ocasião, uma comissão presidida pelo próprio Hassan al Banna e responsável por recolher fundos para ajudar à resistência e suas vítimas. Esse dinheiro foi entregue principalmente à associação presidida por Amin al Husayni, o Alto Comitê Árabe. *Al Ikhwan al Muslimin* (الأخوان المسلمين) também entrou em contato com os representantes cristãos do Egito, chamando-os a apoiar o movimento a favor do povo palestino e denunciando a duplicidade dos ingleses.

Essa foi a primeira manifestação de al Banna em apoio aos palestinos na terra onde se encontram locais sagrados para os muçulmanos e com base nisto que ele afirmou: “*A questão da Palestina é um assunto do mundo muçulmano em sua totalidade, é a medida de sua dignidade e o parâmetro de sua vontade e de sua força*”³⁷. É importante sublinharmos que alguns membros dos Irmãos Muçulmanos combateram ao lado dos palestinos já em 1936 e nesse mesmo ano a organização enviou sobretudo apoio financeiro.

Desde então, a determinação de al Banna para alcançar a libertação dos territórios palestinos não diminuirá, ele será um dos que recusarão a divisão

³⁷ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op. cit, p 207.

proposta pelos ingleses em 1937 (como farão também todos os governos árabes) e ele clamará pela realização de um congresso, que efetivamente se realizará em 1937, no qual proporá a criação de um fundo islâmico mundial ou de alguma empresa destinada à compra de terras da Palestina para “*que assim pudessem ter o direito de propriedade que lhes permitissem fortalecer seus assentamentos*”³⁸. Mais tarde, em 1939, Hassan al Banna escreveria à al Mager Pacha, então no poder no Egito, para lhe pedir o cessar definitivo da imigração israelita no território palestino porque ela representaria o maior perigo para a região e para o conjunto da nação muçulmana.

O trabalho dos Irmãos continuou no plano organizacional, e a estruturação do movimento está agora concluída no que diz respeito às qualidades respectivas dos membros, das instâncias dirigentes, das diversas comissões – que se multiplicaram e das quais duas, junto com a da Palestina, tomaram particular importância: aquela dos escoteiros e aquela da pregação geral – e de ações locais. O conceito ou a doutrina dos Irmãos Muçulmanos já estava elaborado, no plano teórico, sobre a base de uma nova leitura dos referenciais islâmicos e, no plano prático, a partir de sua longa experiência de campo.

Nesse sentido, Hassan al Banna faz uma longa intervenção na qual relembra a história do movimento, as diferentes etapas pelas quais o mesmo passou, os pontos essenciais de sua doutrina e seus pontos de vista para o futuro. Persuadido de que a reforma necessitava de um pensamento dirigido a longo prazo, al Banna determinou as três etapas que, ao seu ver, acompanhavam a progressão do indivíduo: a etapa do conhecimento geral; a etapa do fortalecimento da formação; e por fim, aquela da realização e da execução. À todos os membros da organização islâmica presentes, ele anunciava que após dez anos de atividade a primeira etapa acabara de ser alcançada e que era necessário se comprometer, dali em diante, com o fortalecimento da formação:

“Não há dúvida sobre o fato de que o objetivo final e a totalidade do resultado só serão atingidos após uma pregação geral, o apoio de um número importante de membros e a solidez da estrutura. O nosso apelo é movido para frente, ele não para de avançar nos

³⁸ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op. cit, p 208.

limites dessas etapas: nós iniciamos pela pregação e nós oferecemos à nação cursos permanentes, saídas contínuas e numerosas produções; além disso, certas manifestações públicas e outras privadas.[...] Nós não paramos de interpelar as pessoas, e não pararemos, ao ponto em que não será possível dizer que haja um único homem que não tenha recebido a mensagem dos Irmãos Muçulmanos em sua manifestação autêntica e sob sua verdadeira face. Deus deseja que Sua luz seja a finalidade e eu creio que nós tenhamos alcançado, nessa etapa, um nível de confiança suficiente quanto ao futuro do nosso chamado. De agora em diante, é de nossa responsabilidade passar para a segunda etapa. A etapa da escolha, do fortalecimento e da mobilização”³⁹.

Esse trabalho frutífero, em todo o território do Egito, acarretou grandes consequências, assim como a mobilização dos Irmãos pela independência e o apoio à causa palestina. De acordo com Tariq Ramadan, enquanto os partidos políticos estavam, em sua maioria, desacreditados por praticar políticas oportunistas, os Irmãos Muçulmanos e as outras associações islâmicas tinham, em sua maioria, a aceitação da população.

Quanto à relação dos Irmãos com os mencionados partidos e com o poder inglês, será o exato oposto do reconhecimento popular e Hassan al Banna passou a ser considerado um perigo tanto no Egito – com sua recusa à presença estrangeira e a dominação da cultura ocidental – quanto no plano exterior – com seu apoio aos palestinos, em oposição à política franco-inglesa em vigor na região, e por causa das ligações que ele começava a criar com outros movimentos islâmicos no mundo.

2.3 Atividade social e política dos Irmãos Muçulmanos

Em 1939 os Irmãos Muçulmanos conduziam atividades em todo o território do Egito e Hassan al Banna pedia que cada seção fundasse uma escola e criasse pequenas empresas de artesanato ou de produção. Além disso, a difusão de seus diversificados artigos é importante e toca igualmente a todas as classes sociais.

³⁹ AL – BANNA, Hassan. As encyclopedias islâmicas (*al mu'asast al islamiyya*) IN *Six tracts of Hasan al Bana, a selection from the Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna, 1906 - 1949* (coletânea de artigos). Kuwait: International Islamic Federation of Student Organizations, 2006, p 126.

Simultaneamente, al Banna continuava com suas orientações que permitiriam aos integrantes fortalecer sua formação pessoal, tanto no plano religioso quanto no da cultura geral (história, geografia, ciências sociais e humanas, ciências exatas), ele definia as prescrições em matéria de organização dos cursos e de seus níveis e, por fim, insistia no comprometimento social antes de dar as instruções em matéria de exames, aos quais os membros deveriam ser submetidos.

Os integrantes dos Irmãos não faziam parte apenas das classes modestas; ali encontravam-se universitários, os intelectuais de *al Azhar*, empreendedores, membros dos sindicatos de todas as profissões, dos operários aos médicos e engenheiros. No interior, a reestruturação e o fortalecimento da formação anunciados por Hassan al Banna se efetuavam concretamente com o plano conjunto dos escoteiros (dos quais os grupos se multiplicam consideravelmente) e com a organização dos encontros de formação nos largos círculos de estudo no domínio religioso e espiritual e dos quais al Banna fala: “*Eles são o local de educação espiritual para os membros dos Irmãos Muçulmanos*”⁴⁰. Já no plano exterior, no campo da política egípcia, o intuito de al Banna permaneceu o mesmo face aos diferentes primeiros ministros que se sucediam em um governo em perpétua crise.

Em outubro de 1941, al Banna, quando de uma conferência em Damanhur, criticou fortemente a política britânica conduzida no Egito, na Palestina e ao longo de toda a Segunda Guerra Mundial. Então nesse mesmo mês, o primeiro ministro Hussain Siri, sob pressão dos ingleses, prendeu o líder dos Irmãos Muçulmanos pela primeira vez: ele permaneceu um mês na prisão. Numa ofensiva contra o grupo liderado por al Banna o governo proibiu a publicação dos escritos produzidos pelos Irmãos, além de fecharem a gráfica e banirem qualquer menção dos mesmos nos jornais, enfim, os membros dos Irmãos Muçulmanos ficaram impedidos de organizar reuniões e encontros. Quando Hassan al Banna sai da prisão, foi transferido para o vilarejo de Qina, no sudeste saariano, para afastá-lo

⁴⁰ AL – BANNA, Hassan. *As encyclopedias islâmicas (al mu'asast al islamiyya)* IN *Six tracts of Hasan al Bana, a selection from the Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna, 1906 - 1949*. Op. cit, p 126.

da capital⁴¹. Esses foram os acontecimentos precursores e reveladores de um crescente combate entre os Irmãos Muçulmanos e os colonizadores ingleses que, no Egito, detinham realmente o poder⁴².

Em dezembro de 1941, al Banna decidiu se candidatar às eleições legislativas na circunscrição de Ismailiyya, que quinze anos antes vira nascer a organização. O governo inglês entrevistou, junto ao primeiro ministro Mustafa Nahhas Pacha, que convocou al Banna e o informa das pressões exercidas sobre ele afim de impedir, por todos os meios, que o líder dos Irmãos concorresse às eleições. Após consultar o Escritório de orientação da associação, al Banna aceitou se retirar, não sem dizer ao primeiro ministro Nahhas: *“Os ingleses querem criar a dissensão entre o partido al Wafd e os Irmãos. Ora, é preferível que nós poupemos os esforços dos egípcios para libertarmos nossa pátria. Nosso inimigo não é egípcio”*⁴³.

Com esse espírito de cooperação, Nahhas Pacha decidiu aliviar as medidas de segurança tomadas contra os Irmãos Muçulmanos. Pacha permitiu que distribuíssem novamente seus artigos, que organizassem seus diversos encontros e seus campos de escotismo e suas outras atividades sociais. Esses são numerosos e aumentam em uma impressionante velocidade: em 1941, conta com 3.000 escoteiros; eles serão 15.000 em 1943 (basicamente divididos entre o interior egípcio)⁴⁴. Al Banna queria que a organização de escoteiros formasse jovens com a compreensão de um Islam que reunisse o culto religioso e a ação social. Que

⁴¹ Al Banna, gozando no local de grande popularidade e manifestando a mesma capacidade de organização, somente permanecerá ali por cerca de um mês. Além disso, os problemas surgidos no Cairo suscitavam a preparação de manifestações de grande envergadura: era preferível para lá retornar.

⁴² Entre 1940 e 1941, Hassan al Banna constituiu a Organização Especial que devia preparar os soldados (membros dos Irmãos Muçulmanos) caso os britânicos se recusassem a deixar o território egípcio e se fizesse necessário organizar uma resistência armada. Al Banna, desde suas primeiras entrevistas com emissários da embaixada da Inglaterra, repetia que era preciso que os ingleses se retirassem e estabelecessem relações de igual para igual com os egípcios independentes.

⁴³ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op. cit, p 212.

⁴⁴ Esse número não parava de aumentar: 45.000 em 1945, 60.000 em 1946 e 75.000 em 1947. Eles contabilizavam 80.000 quando o governo egípcio decidiu proibir o movimento em dezembro de 1948.

estivesse ao serviço do bem estar da sociedade, na limpeza das ruas, na realização de atividades esportivas e culturais⁴⁵.

Ao mesmo tempo, a estrutura geral da organização era cada vez mais complexa, à medida que aumentavam as atividades: a partir de 1942, a organização da educação islâmica foi feita em pequenos grupos de trabalho e de formação (as famílias)⁴⁶, que eram mais eficazes, uma vez que a monitoração e as pressões exercidas naquele momento pelo poder eram grandes.

Além disso, cada seção conduziria, em sua região, um trabalho social em pelo menos quatro metas: a construção de mesquitas (e a formação de divulgadores), a criação de escolas, a instalação de clínicas e de cooperativas de produção (do tipo participativa, sem uso dos juros bancários). No Cairo, departamentos eram constituídos para administrar e coordenar as atividades nas diferentes áreas (tais como os departamentos das irmãs muçulmanas, dos operários e camponeses, dos estudantes, das atividades esportivas, das profissões e empregos, das relações internacionais)⁴⁷. A mobilização no seio da universidade era particularmente importante, assim como a das organizações esportivas e culturais: um clube, pertencente os Irmãos é fundado em 1943⁴⁸.

Enfim, no plano social os Irmãos Muçulmanos foram bastante ativos em muitas localidades e no plano político sempre reivindicativos: os dois temas recorrentes nos encontros e nos escritos de al Banna era a afirmação da necessidade de retornar aos princípios islâmicos e a não menos necessária liberdade do domínio colonial dos ingleses. Esses últimos faziam pressão para que o governo egípcio declarasse que entraria na guerra ao lado dos Aliados (Inglaterra, França, União Soviética e EUA): Hassan al Banna, traduzindo a

⁴⁵ Al Banna havia inicialmente integrado sua associação de escoteiros à organização nacional. Ela teria sua autonomia algum tempo depois e seria inteiramente administrada pelo Escritório de orientação.

⁴⁶ Estas serão vistas no item: Irmãos Muçulmanos, corpo e funcionamento desse capítulo.

⁴⁷ Um Escritório de auxílio social será criado em 1945 e se encarregará de apoiar os pobres, em procurar empregos, da prevenção em matéria de saúde e em promover atividades culturais. Ele será considerado como uma organização independente, supervisionando 500 seções em 1947.

⁴⁸ Serão contabilizados, em todo o território egípcio, 99 equipes de futebol, 32 de handebol, 26 de ping-pong, 19 halterofilismo, etc.

opinião da maioria dos partidos, a isso se opunha e recusava qualquer aliança com os britânicos⁴⁹.

A oposição do partido *al Wafd*, nesse sentido, segundo Tariq Ramadan, era pouco clara; esse partido fazia cada vez mais alianças com os antigos adversários políticos no plano de sua gestão interior e, mesmo com Nahhas dando espaço aos Irmãos, ele permanecia dando ouvidos aos receios da administração inglesa. Esta última, ao tomar consciência do peso dos Irmãos, procurou estabelecer laços com seu líder. Em um encontro com um emissário da embaixada, durante 1942, será pedido que Hassan al Banna lhe apresente a filosofia da organização. Uma vez terminada a exposição, o emissário inglês lhe propôs uma colaboração e mesmo um apoio financeiro, como era feito com outros partidos egípcios. A resposta de al Banna, foi que seus comentários [do emissário] "*atingiam seu coração e se assemelhavam a facadas*" e consumiria a ruptura:

*“Vocês continuam a nos considerar como mercadorias que são compradas ou vendidas com dinheiro: é, pois, impossível que nós nos entendamos. É necessário que vocês tomem consciência da realidade da evolução das coisas no mundo muçulmano e que vocês mudem esta mentalidade de comerciante, com a qual vocês entraram em nossas terras”*⁵⁰.

Imediatamente após esse encontro, o governo inglês exigiu que o primeiro ministro Nahhas tomasse medidas contra *al Ikhwan al Muslimin* (الأخوان المسلمين)⁵¹. Assim sendo, todas as seções no território egípcio foram fechadas e suas atividades completamente paralisadas. Somente permaneceu em funcionamento o Escritório Geral no Cairo, submetido a uma vigilância permanente, com o falso

⁴⁹ Chegaram ao ponto de afirmar que al Banna exprimia com isso uma simpatia em relação às potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), particularmente com o nacional socialismo alemão. É interessante dizermos que al Banna, assim como muitos agentes políticos da época, como recorda Oliver Carré, esperava que essas potências talvez pudessem libertar o Egito da ocupação, porém al Banna não foi além disso. E quanto às ideias de Hassan al Banna, estas são nítidas no que diz respeito aos fascismos italiano e alemão: ele repetirá, muitas vezes, tantos em seus discursos quanto em seus escritos, que a existência desse tipo de organização política era o símbolo do colapso do Ocidente e de seus valores e o sinal, segundo ele, de que a hegemonia dessa civilização chegaria ao fim. Ver AL – BANNA, Hassan. *Peace of Islam*. s/d. Op. cit, p 15-20.

⁵⁰ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op. cit, p 215.

⁵¹ Pela primeira vez acusaram al Banna de querer modificar o governo e agitar a população. Mas ele responde as acusações, por meio da continuação de seu trabalho de reforma e educação do povo egípcio.

boato de que al Banna seria exilado para fora das fronteiras do Egito, como foi no caso de al Afghani. O ambiente é de muita tensão, em que os ingleses gostariam de ver os membros da associação inclinados à radicalização e em ações violentas. Al Banna pedia aos Irmãos a ter paciência, nesse sentido, escreveu e difundiu no texto, *Entre o ontem e o hoje*⁵², na qual ele anunciava:

*“Eu adoraria, através dessas poucas palavras, apresentar de modo claro aos olhos de todos o conteúdo de nosso pensamento, já que horas difíceis podem nos aguardar e nos separar por um tempo: eu não terei, então, a possibilidade de lhes entreter ou de lhes escrever”*⁵³.

Hassan al Banna recordava, assim, o fundamento de toda a ação islâmica, este iniciado pela fé no coração, a qual levaria, conseqüentemente, o muçulmano agir socialmente e politicamente na proteção dos direitos do cidadão. Portanto, o longo percurso da reforma necessitava de grande paciência e não devia ser perturbado pela provocação ou pela precipitação, quaisquer que fossem as provas e a repressão.

Toda essa atmosfera levou os Irmãos Muçulmanos crerem que o confronto era iminente e que os ingleses queriam eliminá-los, como mostram as primeiras medidas repressivas. Prevendo essa situação, o Escritório de Orientação decidiu (entre 1940 e 1941) criar a Organização Especial, que deveria preparar grupos, dentre os membros da associação, para a resistência armada, caso os britânicos decidissem, como foi o caso nos territórios palestinos em 1936-1937, em eliminar fisicamente seus opositores ou se eles recusassem, após tantas exortações, em deixar o território egípcio⁵⁴.

De acordo com Tariq Ramadan, al Banna tinha consciência que os governantes coloniais estavam dispostos a tudo para não permitir que o Egito

⁵² Esse escrito encontra-se na coletânea de artigos conhecida como *Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna de 1906 - 1949*.

⁵³ AL – BANNA, Hassan. *Entre o ontem e o hoje (Bayn al ams wal yaum)* IN *Six tracts of Hasan al Bana, a selection from the Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna, 1906 - 1949*. Op. cit, p 91.

⁵⁴ A partir de 1954, os ingleses dirão que essa Organização Especial tinha por finalidade conduzir ações terroristas.

conseguisse sua autonomia e ele citava os exemplos de seus antecessores que, nos países árabes, lutaram com armas em punho e não obtiveram a liberdade.

As tensões entre o chefe do governo Nahhas e os Irmãos é gigantesco, ora com ações intimidadoras, ora com o abrandamento das tensões. Em 1944, novas eleições são convocadas e um outro primeiro ministro assume (mais uma vez Ali Maher), Hassan al Banna resolveu se candidatar novamente, como havia feito em 1941, em Ismailiyya. A mobilização popular foi relevante e al Banna, chamado por seus partidários de “Guia do renascer islâmico”, venceu no primeiro turno, mas foi derrotado no segundo por um adversário apoiado pelos ingleses, que organizaram mudanças de eleitores em zonas inteiras.

Muitos, em particular as associações islâmicas e mesmo no interior dos Irmãos, vão repreender a estratégia de Hassan al Banna que, ao se candidatar às eleições legislativas, transformou os Irmãos Muçulmanos em um partido político e deu espaço à um regime constitucional que não er fiel aos princípios islâmicos. Em um artigo publicado em novembro de 1944, al Banna explicaria sua posição que é, para nós, de extrema importância:

“Os Irmãos Muçulmanos, como todos sabem, e como ela própria se apresenta, é uma associação de serviço do bem estar público, uma pregação da reforma e da renovação, fundamentada no Islam e em seus ensinamentos. Que ela seja uma associação de serviço de utilidade, isto é claro ao observar as ações das seções no que toca, ao mesmo tempo, o plano cultural, a piedade, a ação do bem, as atividades esportivas, a reconciliação entre as pessoas e a construção, com seus meios, de mesquitas, de institutos, de clínicas, de abrigos [para os órfãos].

[...] O fundamento do sucesso e da visibilidade dessa pregação é uma mensagem clara, enraizada, que entra pelos ouvidos dos homens e atinge seus corações e inteligências. Eu creio que os Irmãos Muçulmanos conseguiram desse modo obter um perceptível reconhecimento popular que pode ser por todos testemunhado. De agora em diante, permanece para o futuro esta nobre pregação no nível das instâncias oficiais e o caminho mais curto para tal é a “tribuna do Parlamento”. É um dever dos Irmãos levar seus membros até esta tribuna, para que seja ouvida de sua mais alta cadeira o seu chamado e que ele seja assim audível tanto para os representantes do povo, como para a esfera oficial, e circunscrita, e após isso que ela seja difundida e apreendida pela população. É com o ideal de realizar esse objetivo que o Escritório de orientação decidiu que a organização participasse das eleições legislativas.

[...] Essa é uma posição natural, já que o Parlamento não é uma tribuna reservada apenas às vozes de políticos pertencentes aos partidos, quaisquer que sejam suas cores; ele é a tribuna do povo, deve receber as ideias mais sãs, de lá se deve ouvir os melhores

conselhos de orientação, levando em conta seus pedidos ou sendo guiado para uma visão sã e útil.

[...] Alguns se perguntarão: esta participação eleitoral dos Irmãos não faria com que eles saíssem do domínio religioso para o político, transformando-os assim em organização política após terem sido um movimento religioso? Nós respondemos que o Islam não conhece essas divisões nas questões da nação: uma instituição religiosa islâmica deve passar a opinião do Islam em todos os aspectos da vida e a visibilidade parlamentar é o mais curto e o melhor dos caminhos. Isso não faz com que os Irmãos saiam de sua especificidade, nem lhe acrescenta outras cores.

[...] Além disso, é preciso acrescentar que esta Constituição reconhece que a religião oficial do Estado é o islã. Se existem artigos que necessitem passar por modificações ou melhorias, a própria Constituição reconhece que os deputados têm o direito de trazer modificações e melhorias respeitando a lei prescrita: ora, é a representação no parlamento que permite a Irmandade de realizar este objetivo”⁵⁵.

É válido dizermos que esse artigo é de extrema importância, já que nele al Banna recordava que os Irmãos Muçulmanos não eram um partido político. Após o longo trabalho de divulgação, geral e aberto em nível popular (uma primeira etapa de ação), al Banna olhara a tribuna do Parlamento como um lugar que possibilitaria ao programa e a concepção dos Irmãos de se fazerem conhecer em outro nível. Não se tratava de um desejo de alcançar o poder, mas antes de efetuar um trabalho de maturação, de reforma e de orientação respeitando a lei, da qual a “essência”, em sua globalidade, não contradizia o Alcorão.

Em 1945, pouco meses antes do fim da Segunda Guerra Mundial, o primeiro ministro egípcio, Ali Maher, pressionado pelos britânicos, declarou guerra à Alemanha e pouco tempo depois foi assassinado. A totalidade dos partidos nacionais, assim como os Irmãos Muçulmanos, se opôs a essa participação. An-Nuqrashi, que sucedeu Maher, não mudou de política no que diz respeito aos Irmãos: eles eram permanentemente vigiados, às vezes suas portas fechadas, suas atividades dificultadas, mesmo com a popularidade da associação permanecendo alta. An-Nuqrashi, contrariado pela conjuntura favorável aos Irmãos, enquanto ele próprio estava desacreditado aos olhos do povo por conta de sua aliança com os ingleses, permitiu como única liberdade a organização de alguns congressos abertos. Al Banna disso se aproveitou para fazer ouvir a exigência da partida imediata dos britânicos.

⁵⁵ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op. cit, p 217-218-219.

Em setembro de 1945 ocorreu o encontro geral dos Irmãos, que revisou os estatutos da associação e decidiu pela criação do Conselho de Fundação, que compartilharia os domínios do mandato executivo com o Escritório de Orientação. Também, nessa reunião, foi decidido a continuação do trabalho de solidariedade social em todo Egito.

O reconhecimento popular se confirmava e os Irmãos continuavam organizando encontros e congressos pedindo que os ingleses deixassem o país e que o governo realizasse a união com o “povo irmão do Sudão”. Em fevereiro de 1946, uma enorme manifestação, conhecida pelo nome de “manifestação da ponte Abbas”, liderada pelos estudantes-membros dos Irmãos, clama pela independência do país, An-Nuqrashi foi afastado cinco dias depois e seu sucessor, Ismail Sidqi Pasha, teve que encarar o mesmo clima de mobilização.

O decorrer do ano 1946 foi basicamente alimentado por este confronto com os ingleses por um lado e, por outro com as autoridades egípcias, consideradas um fantoche, a quem os Irmãos denunciavam através de um jornal diário. As negociações iniciadas pelo governo não resultaram em nada e as manifestações se multiplicaram. Al Banna defendia, em seus escritos, que os Irmãos Muçulmanos não hesitariam em organizar um levante popular caso os ingleses ainda se recusassem a partir. Como resultado, integrantes *al Ikhwan al Muslimin* (الأخوان المسلمين) são presos em grande número, as atividades dos escoteiros são proibidas e muitos escritórios fechados.

Apesar disto, as manifestações continuavam, revistas e símbolos da presença inglesa eram queimados nas ruas, a universidade foi fechada e os cursos foram suspensos por vários dias, até que o ministro Sidqi decidiu ordenar uma onda de prisões no nível mais alto da escala da organização e encarcerou o suplente de al Banna (esse último se encontrava em peregrinação à Meca). Mas a pressão popular foi por demais forte e Sidqi teve de renunciar em dezembro de 1946.

Como descreve Tariq Ramadan, os Irmãos pediram a An-Nuqrashi para pôr fim no diálogo com os ingleses e apresentar a questão do Egito no Conselho de Segurança das Nações Unidas. O conselho dos ministérios egípcios também

aderiu a essa ideia, em 1947, e encorajado e apoiado pelos Irmãos, An-Nuqrashi decidiu cortar relações com os britânicos, al Banna liderou pessoalmente uma manifestação de apoio ao primeiro ministro. Mas o Conselho de Segurança não deu seguimento ao pedido egípcio. Após uma visita aos EUA An-Nuqrashi, mudou de atitude e se distanciou dos Irmãos, com isso, as críticas ao governo começaram novamente a partir de artigos ou comunicados.

Em novembro de 1947, o Conselho de Segurança, em sua maioria e com o apoio dos Estados Unidos e da União Soviética, decidiu pela divisão da Palestina. Nessa conjuntura ocorreu uma mobilização geral no mundo árabe e muçulmano. Hassan al Banna, em nome dos Irmãos, enviou um conselheiro e um instrutor em matéria militar (As-sagh Mahmud Labib), organizou coleta de fundos e armas, construiu campos de treinamento administrados por ele e pelos membros da Organização Especial. Assim, grupos de voluntários partiram para a Palestina para ajudar na resistência.

Nos primeiros meses de 1948, os Irmãos Muçulmanos pediram que a Liga Árabe e o governo egípcio apoiassem política e diplomaticamente os Irmãos voluntários, o que efetivamente aconteceu. Quando a guerra eclodiu no território palestino, em abril de 1948, alguns dias antes do fim do mandato britânico, os Irmãos, com os membros da Organização Especial e outros voluntários, representavam uma forte milícia, que se distinguiu durante os combates.

De acordo com Tariq Ramadan, os ingleses (que tinham múltiplos interesses em jogo no Egito e na Palestina), os norte-americanos (que haviam votado pela partilha do território palestino e tinham olhos para o Egito) e os franceses (implicados na região), após perceberem as capacidades de mobilização dos Irmãos no Egito e de sua determinação na Palestina, exigiram, por intermédio da embaixada britânica no Cairo, que a organização dos Irmãos Muçulmanos fosse proibida mesmo que seus milicianos lutassem na Palestina ao lado do exército do governo.

Em dezembro de 1948 a associação foi oficialmente desfeita, sob alegação, pela segunda vez, que seus integrantes queriam derrubar o poder⁵⁶. A assembleia dos bens dos Irmãos foi apreendida, o dinheiro confiscado, as seções e empresas fechadas e suas publicações foram proibidas. Hassan al Banna tentou intervir junto a An-Nuqrashi para acalmar os ânimos, sem sucesso, o diálogo foi rompido e o governo egípcio, seguindo a opinião de seus aliados ocidentais, quis acabar de vez com os Irmãos.

Ainda em dezembro de 1948, nesse ambiente de tensão social e política, An-Nuqrashi foi assassinado. Ibrahim Abd al Hadi, que lhe sucedeu, intensificou a repressão, acusando os Irmãos de pregar a insurreição e a revolução, fazendo uso de meios terroristas. Hassan al Banna não havia patrocinado o assassinato de An-Nuqrashi e suas atitudes, nos dias que o precederam, procuravam antes de mais nada abrandar as tensões.

De acordo com Tariq Ramadan, os membros influentes dos Irmãos Muçulmanos foram todos presos, um após outro, e al Banna era o único em liberdade. Seus passos eram vigiados e ele não podia mais deixar o Cairo sem autorização. Um integrante da associação dos Jovens Muçulmanos, supostamente munido de informações para transmitir a Hassan al Banna por parte do ministro Abd al Hadi, lhe visitou na noite de 12 de fevereiro de 1949 na sede dessa associação, no centro do Cairo. Al Banna irá a esse encontro, que na realidade era uma armadilha: na hora de voltar, quando todas as luzes da praça estavam apagadas, dois homens se aproximaram do taxi onde al Banna e seu companheiro (Abd al Karim Mansur) se encontravam e abriram fogo contra os ocupantes. Hassan al Banna conseguiu sair do carro e correu alguns metros atrás de seus agressores. Depois, ele retornou para prestar socorro a seu companheiro, mais ferido que ele. Os dois se dirigem ao hospital: al Banna foi atingido na axila e o médico cuida primeiro de Abd al Karim Mansur. Um emissário do governo se

⁵⁶ Al Banna respondeu às acusações que lhe foram feitas de querer tumultuar o poder e de se utilizar de métodos extremistas. E também negou cada um desses boatos que eram baseados no vazio e falou das causas que, segundo ele, explicavam a decisão de pela dissolução da organização: a pressão estrangeira sobre An-Nuqrashi. Ele acrescentou que não havia nada de estranho nisso, que os Irmãos Muçulmanos, através de seu programa, de sua exigência de libertação e de sua popularidade, representava o inimigo a ser eliminado pelas potências coloniais, que sempre havia sido assim e que, por fim, as pressões exercidas nos diversos governos egípcios para frear a sua progressão (os Irmãos) não cessaram desde 1942.

apresentou no hospital, falou com o médico e o proibiu de cuidar do ferimento do líder dos Irmãos, a hemorragia se agravou e levou Hassan al Banna a morte em 12 de fevereiro de 1949.

Menos de doze horas após sua morte, o corpo estava pronto para ser enterrado. Somente seu pai e as mulheres da família, que carregariam o caixão, seriam autorizados para acompanhar o corpo. E um impressionante dispositivo de segurança impediu o acesso ao túmulo e numerosas prisões aconteceram nos seus arredores.

Um inquérito tardio revelaria que o carro que levava os dois assassinos, do qual o número da placa fora então revelado (o próprio Hassan al Banna o havido indicado a Mansur durante o trajeto até o hospital), pertencia, com efeito, a um membro dos serviços do governo. E segundo Tariq Ramadan, as diversas hipóteses que al Banna havia formulado quanto aos potenciais inimigos da organização dos Irmãos Muçulmanos se mostraram, em sua maioria, verdadeiras.

Enfim, sua popularidade era um perigo para todos os partidos egípcios e para as potências ocidentais. Em 1945, ele contava 500.000 membros na associação (perto de um milhão de simpatizantes em 1948), no interior do território e nas numerosas seções em outros territórios muçulmanos (Síria, Sudão, Líbano e principalmente Palestina). Seu movimento organizado e estruturado ao cabo dos longos anos de experiência evoluiu, ao priorizar permanentemente a educação-formação e o engajamento social, seu apoio popular não se igualava a nenhum outro visto e as autoridades políticas dos países implicados na região sabiam bem disso. Logo, parece evidente que eles tinham um interesse estratégico para evitar que os Irmãos atuassem e influenciassem o povo.

2.4 Os Irmãos Muçulmanos: corpo e funcionamento

Após os primeiros anos de uma longa pregação e de ensinamentos abertos, a organização dos Irmãos Muçulmanos, em 1936, decidiu em definir quatro degraus na afiliação à associação que se funda ao mesmo tempo no engajamento,

na antiguidade e nas exigências específicas quanto ao nível de formação. Desse modo, segundo Tariq Ramadan, al Banna definiu:

- o nível de adesão geral (no sentido de comprometimento, igualmente de participação): o indivíduo devia estar pronto a se engajar pelo bem e a manifestá-lo, a preservar os laços com seus irmãos e a pagar regularmente suas contribuições, assim sendo, passaria a ser considerado então como um irmão simpatizante;

- o nível de adesão fraternal na qual se acrescentava o dever de proteger a fé, de aceitar as incumbências, de cessar o fazer de coisas proibidas, de participar das reuniões semanais, anuais ou outras, passaria então a ser considerado como irmão aderente;

- o nível da adesão ativa exigia, além de uma atenção particular ao trabalho sobre a personalidade, uma formação consequente nas matérias religiosas, a leitura diária do Alcorão, a participação em todos os encontros, a participação financeira em múltiplas atividades (de acordo com as capacidades), a participação em saídas e em atividades esportivas, o uso mais frequente quanto possível da língua árabe clássica⁵⁷, a vigilância na organização da vida da família que devia repousar sobre bases sãs, um trabalho de formação pessoal nos domínios das questões sociais ao mesmo tempo que o aprendizado de ao menos quarenta hadiths; passaria a ser considerado então um irmão ativo;

- a adesão engajada, que era específica e dizia respeito aos irmãos ativos que demonstravam reais capacidades de autodisciplina. Exigia-se seguir a prática da tradição do Profeta Muhammad, rezar durante a noite e também em congregação sempre que possível, de se afastar dos bens e dos prazeres contrários aos ensinamentos islâmicos, de ordenar o bem, de se opor ao mal, de financiar tanto quanto possa as atividades da organização, de se fazer presente nas convocações e de tomar o tempo necessário para completar sua formação sozinho ou nos grupos de estudo da associação, assim sendo, passaria a ser considerado então um irmão militante.

⁵⁷ Hassan al Banna, como Muhammad Abduh, insistiu enormemente no domínio da língua clássica, que se perdeu na população e que, por sinal, estava em perigo pela forte presença estrangeira.

Para cada um dos níveis de adesão, as exigências de formação necessitavam de um comprometimento por parte do Irmão. E nos parece claro, na leitura desses passos, que a educação era inteiramente dirigida para o reforço da espiritualidade e para a preparação da ação, no interior de uma estrutura que obrigava uma disciplina pessoal permanente.

Na mesma época, al Banna organizou os primeiros grandes grupos de estudo dos membros ativos dos Irmãos Muçulmanos e que nos primeiros tempos eram grupos de quarenta pessoas que se reuniam uma vez por semana para passarem juntos em torno da oração, do estudo do Alcorão, dos hadiths e também de outros livros de referência e de debates sobre a base de um programa rigoroso, que abarcava as exigências espirituais, os domínios intelectuais e a esfera social. Isto foi uma das primeiras estruturas pensadas por Hassan al Banna para realizar a formação geral dos membros da associação⁵⁸.

É importante sublinharmos que o modelo de organização (objetivo, conteúdo, frequência, etc) irão frequentemente se modificar no decorrer dos anos com a ampliação dos Irmãos no início dos anos 1940 e com as circunstâncias políticas as quais tiveram que lidar. O princípio do grande agrupamento mudaria os objetivos e o programa de formação, neste podemos observar, ao menos, três orientações: educação espiritual e disciplina pessoal, fraternidade e solidariedade, educação e intelectual⁵⁹ (no conjunto do território egípcio, ou no estrangeiro, deveria cuidar para que um número necessário desses grupos de estudos fossem criados e que funcionassem respeitando as instruções). Em 1939, al Banna, assim, definiu estes:

⁵⁸ Alguns estudiosos do mundo muçulmano enfatizaram que al Banna na ideia de formação do indivíduo muçulmano seguia o exemplo do Profeta Muhammad que, nos primeiros tempos de sua pregação, reuniam os fieis na residência de um companheiro para formá-los e aprender o essencial do Islam. Estes eram os crentes que foram em seguida os mais engajados dentre os muçulmanos da época.

⁵⁹ A ideia de um programa de formação científica e cultural, que continha um grande número de obras de referência tocando o plano teológico e religioso (ciências da fé, do Alcorão, dos hadiths, etc) e outras tocando a psicologia, a filosofia, as ciências sociais, as ciências humanas e exatas, de solidariedade comunitária ou ainda no que concerne a arte de exprimir. Nesse sentido, cada seção dos Irmãos Muçulmanos deveria construir uma biblioteca abastecida por um grande leque de assuntos.

“O que nós esperamos disso é o reforço dos postos e do conhecimento entre os irmãos, a fusão entre os seres e as almas, a luta contra os hábitos e os costumes, o exercício permitindo o melhor dos elos com Deus, o Altíssimo, que se prolonga na esperança do bom resultado por Ele: é aí o lugar da educação espiritual dos Irmãos Muçulmanos”.⁶⁰

Desde 1941 o governo egípcio, encorajado pelos colonizadores europeus ingleses, começou suas pressões contra os Irmãos Muçulmanos e al Banna foi preso pela primeira vez. As tensões vão crescer e os períodos de relativa calma foram seguidos por prisões e por intimidação. Os Irmãos compreenderam que a situação estava em vias de se deteriorar, que os britânicos se tornariam seus inimigos e que a repressão não pararia.

Os Irmãos decidem, pois, rever os passos da organização e, durante uma calmaria (em 1943), eles decretam a criação de uma nova estrutura denominada família espiritual. Se tratava de deslocar o lugar e formação do longo enquadramento dos grupos de estudos em direção a um reagrupamento mais estreito e discreto, também mais móvel e com melhor performance. A família reunia, no máximo, entre cinco e oito membros em torno de um responsável, uma vez por semana, com os mesmos objetivos que eram inicialmente atribuídos ao grupo de estudos.

Ainda aqui, a formação espiritual, a disciplina pessoal na gestão de sua vida e negócios, a formação intelectual, cultural e científica são privilegiadas. Se tratavam de numerosas pequenas turmas de formação que ganhariam em rigor, eficácia e flexibilidade: os membros foram levados a viver como em família, se encontrar, estabelecer laços fraternais, orar juntos, estudar os livros comuns, debater os assuntos sociais, políticos e econômicos, tanto no plano local como no plano nacional ou internacional. Foi igualmente pedido deles o desenvolvimento de uma consciência social real, traduzida por um conhecimento aprofundado dos problemas de seu bairro que devia ecoar em um engajamento local exemplar: no plano da educação, da saúde, da pobreza, do bem-estar, etc.

Já o departamento das irmãs muçulmanas, no qual o regulamento interno foi estabelecido em 1933, seguia a mesma evolução e tomou uma importante

⁶⁰ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op. cit, p 288.

envergadura. Em 1944, o departamento contava com cinco seções no conjunto do território egípcio e mais de cinco mil mulheres ativas. Os grupos, aqui, eram igualmente criados com as mesmas exigências (espiritualidade, formação, disciplina pessoal), que aquelas dos homens e com uma particular insistência nos domínios familiar, da educação e da solidariedade social. Já no plano local as mulheres deveriam se comprometer com o apoio às famílias, aos pobres e na criação de pequenas instituições de ajuda social (apoio escolar, clínicas, conselhos para as famílias, etc).

Além dos grupos de estudo, a exigência da formação global dos Irmãos Muçulmanos tinha conduzido à criação de outras estruturas, a partir de 1938, al Banna tinha efetivamente criado um departamento de escoteiros, que se tratava de formar adolescentes, a viver em comunidade, engajá-los à solidariedade e ao bem público. Despertando neles, assim, a consciência cívica.

No seguimento de suas atividades, também, foi formado um departamento de saídas encarregado de organizar expedições essencialmente dirigidas para a prática física e esportiva, essas atividades aconteciam em geral uma vez por mês, durante um dia inteiro, durante o qual cada um deveria aperfeiçoar sua condição física⁶¹. Esse departamento organizava igualmente acampamentos de maior duração, nos quais se misturavam a educação espiritual (oração durante a noite, leitura do Alcorão), a formação (cursos, debates) e a atividade física (exercícios, esportes).

Em suma, nessas numerosas iniciativas, as quais seria preciso acrescentar as reuniões, as lições abertas e as conferências gerais, estavam estruturadas de tal maneira que elas obrigavam os membros da associação a progredir em sua educação islâmica. Para Hassan al Banna e os Irmãos Muçulmanos, o caráter islâmico dessa formação exigia que todos os aspectos da personalidade e da ação fossem abordados: a formação era global à imagem da compreensão da

⁶¹ Outras saídas foram organizadas pelas próprias famílias, pelos adolescentes ou crianças, com atividades específicas de acordo com a população envolvida.

universalidade do Islam⁶² e também do entendimento e prática dos ensinamentos islâmicos.

Após narrarmos a biografia (formação e trajetória intelectual) de Hassan al Banna; e corpo e funcionamento dos Irmãos Muçulmanos, trataremos de analisar, nas páginas seguintes, os escritos de al Banna na relação texto e contexto.

⁶² A ideia de universalidade da filosofia islâmica de vida será tratado no capítulo 2 da dissertação de mestrado.